

# Ciganinha

por

## Alfredo d'Escragnole Taunay

Este e-texto pode ser livremente:

1º Distribuído com ou sem fins comerciais.

2º Modificado, desde que retirado o título, o nome do autor e do editor.

**Obra sob domínio público.**

Última revisão: Ter 21/Out 14 — 22:36:57

Edição eletrônica por Rafael Palma

(A Affonso Celso, primoroso escritor)

## I

Chamavam-lhe *Ciganinha*, e a principio também *Magriça*.

Exasperava-a, porém, este apelido Quando o ouvia “ó, magriça!” voltava-se rápida, furiosa, com os olhos a chamejar, e torcia a cara toda nuns esgares muito feios de bruxa velha, botando para fora uma língua de palmo, fina, comprida, serpentina. Soltava até grossas palavradas.

Com a outra alcunha não se importava. Erguia os ombros num gesto de expressivo pouco caso e concordava resmungando:

– Se sou mesma!

Por lei fatídica dos contratos, havia recebido na pia baptismal o nome, que nunca devera confirmar, de Angélica – daí Gêgêca ou Gégêca, como costumava dizer a mãe, abrindo os ee de modo especial e descansado, e acrescentando sempre com lânguido suspiro de pesar:

– Um *diabrete*, esta menina

Desde bem pequena, mostrara com efeito, índole muito independente, gênio violento, amigo de fazer as suas quatro vontades, audaz, ativo e arrebatado, de par com muitos caídos e engraçadas momices e carícias com quem lhe caia no gosto, ou permanentemente ou em horas de caprichoso bom humor.

Positivamente endiabrada, só gostava de andar à volta com rapazes e molequinhos, garotos de sua idade mais ou menos, furando matagais, correndo pelas várzeas, espojando-se na relva, deixando-se rolar pelo barranco de areia até quase dentro do rio, largo, majestoso, esfrangalhada sempre, com as saias em molambos, o corpete a lhe cair pelos ombrinhos magros, descarnados, as pernas à vista, nuas, nervosas, esgalgadas, pés no

chão, um tanto grandes e maltratados, mas não espalmados e chatos.

Até perto dos 14 anos, ninguém como ela, a Ciganinha, para trepar nas árvores e apanhar frutas ou excogitar e descobrir ninhos de passarinho na ramagem mais folhuda e entrançada e pôr-lhes o gadanho em cima.

Ágil como um sagui, leve que nem miúdo e gracioso caxinguelê, eram de ver-se o jeito e a firmeza com que sabia agarrar-se ao tronco liso e escorregadio das jabuticabeiras do mato e descascadas goiabeiras, indo sem vacilar pelos galhos abertos até aos ramos mais finos, que sacudia com vigor, para fazer tombar alguma goiaba teimosa e longe da mão ávida, impaciente.

E lá ia também pelas laranjeiras acima, uma perna aqui, outra acolá, escarrapachadas, sem se lhe dar com os espinhos agudos, minazes, alcançando num ápice as franças mais flexíveis e perigosas.

– Não quero que olhem para cima, bradava lá do alto, imperiosa, aos companheiros agrupados em baixo, à espera dos pomos que ia colhendo e arremessando.

Obedeciam-lhe de pronto, porquanto o rosto de algum mais curioso e petulante ficava logo sujeito a moralizador e temido castigo e bombardeio. Para prova, o filho do Maneca Frutuoso, que se vira em risco de perder o olho esquerdo, quase vazado por uma laranja verde, atirada com pulso vigoroso e afeito a acertar no alvo.

Muitos dias ficara como exemplo aquela face inchada e rubra, à maneira de uma bola vermelha; e a todos explicava o ludibriado dono:

– Artes do demônio da *Ciganinha*; mas há de pagar-me, tão certo como dois e dois são quatro.

Quedas a valer levava ela das contínuas e atrevidas ascensões, mas com tão pouco não se ocupava. Passado o atordoamento do baque em solo duro, e compondo-se depressa, pulava de contente ao

verificar que ainda dessa vez não ficará com membro algum partido ou deslocado, tendo em nenhuma conta arranhaduras fundas e dolorosas contusões.

No meio de todos esses desmando e reparáveis extravagancias, singular recato, instintivo e selvático pudor. Assim, jamais aceitara tomar, de dia, banho no rio, em súcia e duvidosa promiscuidade com os camaradas de travessuras. Banhava-se diariamente, sim, mas sozinha, à hora em que a tarde ia se fechando noite, e sempre protegida por frondoso salgueiro, que ainda mais ensombrava a bacia natural, onde imergia o grácil e delgado corpinho.

Uma feita, já bem crescidinha, voltara à casa coberta de sangue vivo, uma grande brecha aberta na cabeça.

– Não é nada, mamãe, afirmava toda exultante, com feição de legítimo triunfo: uma batalha de pedras, bonita como tudo, com os filhos da Narcisa Mofina. Dei-lhes que foi um regalo. O Juca anda sempre me chamando para as bibocas, a fazer-se de cebo comigo, pois bem, levou até ao CÉU da boca. Eu... contra quatro, hein? Não arredei pé enquanto não os debandei. Só agora é que senti que me tinham tirado mel da cachola... Canalhas!

E ainda se esgrimia exaltada, a pôr em fuga os numerosos adversários.

Não cabia em si de ufana.

– Quatro, mamãe, quatro contra a filhinha de seu coração!

– Mas, menina, observava com tom plangente e arrastado a pobre da mãe, isto lá são modos de raparigas? Onde vai você parar? Que desgostos me esperam mais nesta vida de suplícios? Não basta o que tenho sofrido?

E desatava a chorar.

Muito dada a lágrimas essa D. Cula, diminutivo de Clotilde, usual em todo o interior do Brasil; muito choramingadora, a boa da

mulher, também, havia sido tão desventuroso na sua existência penosa, solitária, predestinada aos abandonos!

Sempre feia, desenxabida, esgaiotada, pálida como cera, num emaciamento desconsolado de penúria constante e aniquiladora, era filha de casal paupérrimo, que a deixara órfã bem cedo, sem um cobre (1) no fundo de velha bruaca.

(1) Quarenta réis

Vivera ao Deus dará, muito quietinha, retraída e medrosa a curtir negra miséria de contorcer estômago e intestinos, e aguentando-se como podia com umas costurazinhas e bordados de crivo, que lhe pagavam uma ninharia.

Viera, depois, um cigano de arribação, muito prestimoso e bulhento, atirado a conquistador, e, sem mais nem menos, se metera com ela, procurando sobretudo explorar-lhe o trabalho e obrigando-a a fazer doce de *fruta de lobo*, vendido aos tropeiros como marmelada, e mais sequilhos e bolos de arroz e milho.

Quase nada rendia o tal negócio, porque, além de tudo, o malandrino, guloso e glutão por natureza, comia o melhor do que pretendia expor à venda. Então, com grande dó e escândalo da vizinhança, começou a infeliz a ser, dia e noite, quase sem intervalo, malhada pelo patife do amigo. Quanta bordoada! Que sovas de moerem os ossos!

De repente, após muita barganha aladroadada, falcatruas vergonhosas e inúmeras dívidas contraídas a torto e a direito, desapareceu o desbriado cigano - e para todo sempre. Foi-se embora, sem dizer adeus a ninguém, internando-se pelo sertão fundo. Corria depois que acabara às mãos dos índios Afonsos, o que de certo bem merecera.

Sinal da sua passagem, além do volumoso abdômen da Cula, só um cofrezinho de bom peso e fechado com cadeado de segredo cabalístico, que a abandonada conservava com misterioso cuidado e sério terror de feitiçarias.

Em todo o caso, ficara a coitada grávida e só tinha de seu a casinha de esburacadas paredes de adobe e cobertura de sapê na barranca do rio, casinha em que de pancada lhe haviam morrido pai e mãe, e testemunha indiferente das colossais e repetidas tundas. Ela ignorava até se lhe pertencia ou não.

Do terreirozinho de costume muito varrido e limpo, se via de frente o Paranaíba, todo espriado, solene, raramente ludroso, quase sempre puro e de águas claras, a refletir, como que em espelho animado e corredio, tudo quanto se passava lá em cima, no Céu de Nosso Senhor Jesus Cristo e da Santíssima Virgem Maria. No alto e embaixo, que combinações de cores, ao esplendido arrebol da manhã e da tarde nas múltiplas mutações e fantasmagorias das nuvens leves e doudejantes ou pesadas e imóveis, iluminadas pelo descambar do sol!...

Ao brilho sereno do luar, então, que encantos, que quadros formosos, diversos, cambiantes, ora meigos e risonhos, ora melancólicos, quase sombrios, de deixarem a gente cheia de cismas tristes e presagas!...

Da calmorreada e sofredora Cula se apiedaram, porém, os vizinhos; e cada qual a ajudou como pode – uma galinha idosa, meia duzia de ovos, ou uma cadeira furada, um catre de couro já inservível, xícaras e pote esborcinados, miudezas e trastes de refugo, em extremo usados, quase de todo imprestáveis.

Todos eram tão pobres!

A pouco e pouco, nascida a Gêgêca, foi se tornando D. Cula estimada, credora até de certa consideração, sempre muito séria e digna nos seus extremos apuros e necessidades, ativa ao seu modo e fazendo quanto podia pela vida.

Entretinha relações de amizade com famílias boas do lugar, que lhe pagavam as visitas; e, quando o vigário do Currálinho vinha até o povoado, parava sempre lá para apreciar o seu cafezinho gostoso e quente, embora em xícara de folha de Flandres, que esfria depressa a bebida, queimando os beiços de quem a toma, cafezinho acompanhado de umas broas e brevidades muito bem feitas, pois

ninguém as preparava melhor do que ela, após as severas e tão acentuadas lições do pérfido e brutal amante.

E assim se iam os dias escoando.

Segredavam as más línguas, e à frente de todos mexericava com sorrisos irônico e ares de desprezo o José Bispo, dono da venda mais bem sortida e afreguesada, que, alta noite, não havendo luar, costumavam rondar a porta da sisuda D. Cula certos vultos suspeitos, talvez o vigário ou gente mais limpa e apatacada das tropas e boiadas, por ali de pouso, antes de transporem o grande rio.

Quem está, porém, livre de calunias e denigrações?

Depois da sua primeira e sabida desgraça, tinha a mulher tanta compostura e tão resignada dignidade que só mesmo a bisbilhotice de aldeia podia esmerilhar duvidosas hipóteses, levando a mal as tais visitas, ainda que às dez horas. E a miséria e a fome... bem más conselheiras!

Demais, já dissemos, não era nada apetecível, descorada e pamonha como tudo, nos modos e no falar.

Com sotaque mole e cantado fazia justiça a si mesma, em invencível desalento e abandono:

– Eu sou tão *enjoada*! Quem há de me querer?

## II

Devia, com efeito, a peste do cigano ter sido das arábias, ou sei-o ainda, caso houvesse escapado das unhas dos temidos índios Afonsos.

Fizera da natureza apática, dorminhoca, congoxosa da Cula surdir, para pasmo constante de todos, lépida, escorreita, andarilha, em continua mexonada, a Gêgéca, a *Ciganinha*, coisa totalmente diversa, oposta, antinômica, um azougue, uma água viva, legítimo produto do tnhoso.

Não podia estar quieta e parada dois minutos, com uns modos azoinados, bruscos, espontâneos, selvagens.

Tinha, positivamente, bicho carpinteiro em certa parte do corpo, que a gente de lá designava com a maior sem cerimonia.

E bem falante, muito explicada, respondona como a maior das malcriadas, sempre com a palavra do Cambronne na boca, pronta para desferi-la, como se estivesse no quadrado da guarda imperial, em Waterloo, replicando a intimação dos ingleses.

Uma ocasião em que a mãe, toda lacrimosa a repreendia, acusada, como fora, de ter furtado um pombinho nuelo à Maria Rabolona, lavadeira no porto, umas casas abaixo:

– Não fui eu, defendia-se, nunca minto... se o tivesse surrupiado, confessava... Já lhe disse... não fui eu.

E como D. Cula insistisse, amaldiçoando as escapadas e traquinices já bastante graves, atirou-lhe às bochechas:

– Ora, mamãe, de que serviu também você ter sido sempre boa, sossegada, metida consigo, uma santinha? O malvado do cigano não lhe fez mal, não a surrou como boi corneta e não a deixou de vez com a pança cheia?

– Menina! Bradou D. Cula aterrada levando as mãos à cabeça, quem te ensinou tudo isso? Olha, diabinho, Deus te há de castigar! Santo Cristo, que será de nós?

– Deixe-se disso, replicou filosoficamente a Ciganinha correndo já para a porta, Deus tem muito em que cuidar. Quando se lembrar de mim, já a raiva terá passado... A Maria Rebolona, que não se faça de engraçada comigo... Sujo-lhe, num dia de chuva, toda a roupa estendida no gramado... Hei de avisá-la uma vez por todas...

Esse furto do pombo nuelo... Para que insistirmos? ... Por acaso, D. Cula não teve sempre bons caldos, quando esteve tão doente? Quase esticara a canela, coitadinha, sem cirurgião ou curandeiro, que a visse por caridade, nem remédio nenhum, nenhum para tomar! - E melhorsinha, não comera pratázios de arroz bem cozido, em que se poderiam ver ossadas bastante suspeitas, até de gordas galinhas?

Chegou a beber seus calicesinhos de vinho do Porto, comprado a 2\$ o martelo na venda do José Bispo, o que serviu, semanas e semanas, de tema a muita história gaiata, longos comentários e malévolas conjecturas.

Pois, senhores, tudo falso e inventado, quanto ao vinho, pelo menos. Querem saber a verdade? Por Deus Nosso Senhor Jesus Cristo, que está nos vendo e nos ouvindo.

Dissera um tropeiro para D. Cula:

– *Vancê*, dona, do que precisa é tomar todos os dias uns dous bons dedos de vinho do Porto, da venda... Sem isto, não sára... não pode arribar tão cedo.

– Mãe de misericórdia! Retrucava a agorentada mártir, que é da *cobreira* para comprar a tal mézinha?...

– Há de se arranjar, declarou Gêgêca, que se impressionara com o conselho.

E como costumava a miúdo sopesar curiosa o cofrezinho esquecido pelo tratalhão do cigano, nesse dia o levou às escondidas para fora de casa e o arrombou no *cerrado*, sem a menor hesitação.

– Vamos ver, dissera para si, o que nos deixou o sem vergonha do meu pai.

Achou umas bugigangas, galhosinhos de arruda secos, umas pedras redondinhas pretas e verdes, três figas de madeira puída e dois colares compridos de ouro ou prata dourada, além de muitos papéis com sinais esdrúxulos, triângulos, meias luas, crescentes e estrelas rabudas.

– Diabo o leve, o bruxo, ou o guarde por lá! Exclamou persignando-se, um tanto assustada. E, recolhendo só o que para ela tinha valor, jogou o mais dentro do rio, em lugar bem fundo.

Tratou logo de reduzir a dinheiro um dos colares, guardando o outro para si ou para maior de espadas, e foi propôr a venda a um boiadeiro pachola, que se gabarolava de apatacado.

– Onde *campeou vancê* isto? Perguntou o homem olhando-a de esguelha, todo desconfiado. Passou a unha?

– Não é da sua conta, siô besta, foi a resposta. Quanto quer dar pelo *lavrado*?

Propôs quantia visivelmente ridícula. Acordado, porém, o instinto do negócio no sangue cigano, conseguiu a menina o dobro do primeiro preço.

E assim pode a clorótica mãe, a quem tudo logo contou, saborear os seus dedinhos do apregoadado e luxuoso vinho do Porto.

– Mas, filha dos meus pecados, observou assombrada, quem nos diz que no cofre não havia mandinga? As desgraças vão chover em cima de nós duas...

– Qual! Foi muito bom; acabou-se agora a caipora... Mecê verá!...

– Santa Rita nos proteja!... Se aquele homem por cá aparecer, dá cabo de nós, não há que duvidar... a poder de tanta bordoadada.

Fez a *Ciganinha* significativo gesto de mofa e incredulidade:

– O diabo não é tão feio como se pinta... Ele que venha!... Há de ouvir boas... da minha boca!

E partiu em disparada, chilrando como um pintassilgo.

Atirava Gêgêca bodoque como poucos e lá ia com uma sacola de bolas de barro pelas matas, de onde voltava sempre com alguma caça, papagaios, tucanos, gralhas e um ou outro mutum, que vendia por dois cruzados, ou até vinte e cinco cobs a algum dono de tropa.

Preferia mil vezes essas correrias com meninotes de sua idade, já então taludinha, a ficar estatelada à porta da casinha de sapê, resguardando das moscas e vigiando o tabuleiro de sequilhos e *brevidades*, à espera dos possíveis fregueses. E, genuína herdeira do espírito guloso e petiscador do pai, não vendia um bolinho, que logo não roesse um bocadinho, dois ou três na parte inferior, menos visível.

Admitia sem pieguice muita graçola, até pesada, e ria-se com gosto, mostrando os dentes bonitos, alvos, iguais – coisa rara no interior – quando à sua vista contavam histórias e anedotas bem crespas; não lhe tocassem, porém, no corpo, lá isto não. Tinha a mão leve como tudo e dava bofetadas de estalar aos que lhe beliscassem os quadris e as pernas, ainda bem finas. Musculosa e ligeira, passava então tais rasteiras, que os gaiatos e pelintrotos iam ao chão com grandes batecús e lá ficavam chiando de dor, no meio das estrepitosas vaias do rapazio.

Não falassem mal da mãe, não se atrevessem a agarrá-la de certo modo, ou não lhe fizessem propostas equívocas, era incontinenti uma surriada de nomes feios e cabeludos, capaz de pôr tonto qualquer soldado tarimbeiro. E por cima, muitas caretas e ademanos violentos de desafio e ameaça, com enérgicos bamboleios de capoeiragem.

Sempre mal ajorcada, esfarrapada, as faces meio sujas, as unhas caireladas, cabelos desgrenhados, rebeldes, todos em caracóis e calamistrados, verdadeira gaforina, fincava neles uma flor vermelha, algum mimo de Vênus, e passeava serena o orgulho da sua raça, quando não dava cabriolas caprinas ou fazia mil maluquices, na expansão dos inesperados ímpetos.

Voz geral no povoado:

– Esta rapariguinha leva a breca de repente; acaba muito mal. Pobre da D. Cula, que filha lhe pôs nos quartos o maldito do cigano! Cruzes! Deveras, caipora assim é também demais... Talvez, o cujo fosse o diabo arrengo, abernuncio! Só mesmo o demônio é que podia ter a coragem de esbordor todos os dias a desgraçada amiga... era a razão... Milagre, que a deixasse com braços e pernas... não lhe tivesse aberto a cova com tanta porretada!...

Pelo que se vê, as surras de outrora haviam entrado nas tradições populares. Também não poucas mulheres de má vida, as *fadistas*, nas brigas com os tropeiros e cenas de ciumes, avisavam provocadoras e afoutadas:

– Olhe, sió moço, não sou nenhuma D. Cula. Para cá vem de carrinho. Tire o seu cavalo da chuva, ouviu? Comigo nada de farofa... Depois queixe-se ao bispo!

Tudo isso, tão longe, tão longe daqui, na vila de Santa Rita de Cassia, a margem direita do belo rio Paranaíba, na minha pobre e formosa terra natal – Estado de Goiás!...

Transportada à larga corrente numa balsa de duas compridas canoas encambulhadas por pranchões atravessados e um soalho por cima, chega-se a uma praiazinha de areia fina - o porto de onde se empina elevado barranco. Alguns bonitos salgueiros por perto. E naquela balsa viajam, de um lado para outro do rio, homens e cavalos de sela ou bestas de carga, então desarreadas e só com as cangalhas de pães de forquilha assentes em chumaço grosso de macega seca.

A boiada, muito chifruda, com os cornos compridos e bem abertos,

às vezes elegantes liras nas graciosas curvas, boiada goiana, forte, grande, passa a nado; e os boiadeiros e camaradas a vão tangendo, na diagonal da travessia, com uma grita imensa, que reboa pela mata.

Refuga a princípio o gado, apertado pela gente a cavalo que montada em pelo o toca e estimula, o pica e com ele se atira dentro d'água, afinal se decide agoniado e lá vai em denso cordão com cabeça bem levantada, olhos aterrados e boca ofegante a deitar ruidosa respiração. A extremidade oposta do pesado ruminante não mergulha também, surde e como que se agita inquieta, pressentindo perigos. É que, segundo voz geral, se aquela parte do corpo, em que a Ciganinha tinha bicho carpinteiro, se molha, está irremissivelmente perdido o pobre animal. Singular destino! Caso digno do estudo dos entendidos e sábios!

De vem em quando, lá se destaca um boi e busca voltar á margem segura e protetora, ou então roda de uma vez, embrulhado pela violenta corrente do Paranaíba.

Levanta-se então brado de interesseira angústia e gananciado desespero, não de piedade pela triste vítima: – Lá vai um; lá vão dois! – E os camaradas azafamados apressam, com gestos e clamores a mais e mais, a passagem, até que o guia tome pé na borda de lá.

Em cima logo do porto de Santa Rita de Cassia, uma esplanadinha de grama verde e folhuda, largo fechado nos três lados por linhas de pobres, casinhas térreas, algumas de telha, quase todas de sapê.

No fundo, frente para o rio, a matriz, uma igrejinha baixa, rebocada de anos e anos, com um sino rachado à esquerda, suspenso a uma espécie de telheiro açaçapado, a cair de podre.

E, ao redor da praça, assim pomposamente crismada, estendendo-se para aqui e acolá caprichosamente, umas moradiazinhas, quase sempre de porta e duas janelas desguarnecidas de vidraças, moradiazinhas bem caiadas e alvas, encravadas em copado laranjal. Entre si, comunicam por tortuosas trilhas, que no tempo de florescência ficam embalsamadas a pôr tonto um cristão.

Nessas laranjeiras canta pela manhã e à tarde um mundo de maviosos sabiás, a que respondem os bandos de afinados e sibilantes caraúnas posados nas palmeiras indaiás, que ali ficaram da primitiva floresta virgem.

### III

Cheia de travessuras no jaez das esboçadas foi, até quase fazer-se moça, a existência toda da Angélica, além de uma ou outra façanha de mais vulto, por exemplo, ir vagabundear, dias seguidos, da banda de lá do rio.

– Nossa Senhora da Abadia bradava D. Cula angustiada, saindo da habitual pasmaceira, não é que a menina se passou para as *Gerais*?!

Do outro lado, com efeito, de Paranaibana, fica o triangulo mineiro, habitado por povos sérios, de certo, e pacíficos, mas muito retraídos e com cara de poucos amigos.

Afinal, reaparecia a Ciganinha.

– Onde andaste, menina dos meus pecados? Indagava a desconsolada mãe

– Ora, respondia a danadinha, estive correndo mundo, assuntando, vendo...

– Mas, rapariga dos seiscentos, com quem, minha Santa Maria?

– Com o José Bexiguento, o filho da portuguesa quis, certo dia, fazer-se de engraçado comigo; mas dei-lhe logo tal safanão, que dali por diante andou direitinho que nem um fuso.

Embora aos 16 anos, tinha ela, ainda que mais assentada de juízo, péssima reputação; gozava de péssima reputação, dizem até bons clássicos.

E bonita como mil pecados em penca, buliçosa, sugestiva, a pôr faulhas de ardente cobiça nos olhos dos mais indiferentes e quietos.

Cabelos negros, bastos, então mais cuidados e lustrosos, mas

sempre com a sua forcinha, de preferencia vermelha, cabelos ondeados, com uns crespinhos rebeldes na testa e na nuca roliça; rosto para o comprido, num oval regular e como fechado por encantadora covinha no queixo; tez não muito morena, tanto assim que bem largas sardas lembravam as grandes soalheiras de outrora, apanhadas em criança; sobancelhas de japonesa; olhos enormes, negros, rutilantes, aveludados, com uns cílios que punham sombra às atrigueiradas faces em que florescia suave rubidez; lábios úmidos, polposos, com o brilho de romã entre aberta, num arco deliciosamente desenhado, orelhinhas pequeninas, como conchinhas nacaradas.

E que elegância nativa e senhoril no porte; que colo soberbo, cintura fina, estatura mais que meia – emfim, um todo, um conjunto de fazer pecar Santo Antão, na sua gruta da Tebaida

Namoradeira como tudo, a Gêgéca; muito ufana da sua beleza, dos seus encantos, mas aceitando a côrte e as homenagens de qualquer pé rapado.

A rapaziada de Santa Rita de Cassia e dos arredores umas 20 léguas andava tonta, num rodopio.

Ao lusco-fusco, um corisco a diabinha, sempre á cata de aventuras banais, que sabia, porém, conter nos justos limites, avisada, aliás, a cada instante pela voz arrastada, plangente da mãe, como agoureiro pregão:

– Menina, vancé se perde... Tanto vai o pote ao rio... Proteja-nos... Santo Cristo dos Milagres.

– Conheço o caminho, respondia a Ciganinha e não me hei de perder assim com duas razões... Estou traquejada na estrada e no atalho...

– “Lá vai a pestinha”, dizia-se ao lorigar sobre tarde uma sombrinha airosa, esbelta, esgueirando-se, sem grandes mistérios, aliás, por baixo dos laranjais Ia até ás vezes cantarolando, com andar leve, mas seguro e firme. E ouviam-se as gargalhadas de escárnio, que dava lá debaixo das suas laranjeiras.

Com imprudência sem par contava as bobagens que lhe haviam dito fulano e sicrano, o tropeiro Vargas, o arrieiro Thomé do Vale, o mascate José de Itália e mais este e mais aquele, um povaréu grosso, enfim.

E imitava, com muita graça e valente debique, os protestos de amor eterno, as declarações ardentes e claras ou tímidas e ridículas, o gaguejado de quase todos os pretendentes, os seus ademanos desenganados. E concluía:

– Que pagode!

Todos lhe apontavam mil amantes; mas ninguém podia gabar-se de o haver sido. O filho do Manéca Frutuoso fora já à cama doente de paixão. Debalde fizera valer o caso do olho quase vazado pela laranja verde. A ciganinha, sem compaixão, motejava do seu triste estado, no passado e no presente.

– Um palerma, dizia desfazendo-se em cristalina e adorável gargalhada, que a tornava ainda mais irresistível. Já me falou em casamento, como se fosse um favarão, algum bicho de sete cabeças... Tão bom, como tão bom... Que é ele, afinal? Filho de um empalamado...

E continuava a dar escandalosa corda a quantos lhe arrastavam a asa, quer moço do povoado, quer adventício e de passagem por Santa Rita.

– Essa rapariga é uma perdição, afirmava com pausa e todo convicto o José Bispo, da venda.

Perdição ou não, estava sempre a Gêgéca pronta para as entrevistas vespertinas, a que ia sem susto, sozinha, com a galhardia de se sair sempre bem, incólume e a contento da altiva consciência

E uma vez ou outra pescava uns presentinhos cocotes vestidos de chita frances até de cassinha, lençosinhos bordados ou de seda, garrafinhas e frascos de óleo para o cabelo, perfumes em moda entre as senhoras donas do Rio de Janeiro, da côrte, o que tudo

aceitava, não por interesse, mas para obsequiar, muito instada e rogada – uma lembrancinha de valor daquela de... E acentuava a lembrança da tal tarde com um aperto de mão mais forte, que nada significava, mas que a fazia desprender-se e fugir às carreiras pelo laranjal afora,

Pusera-se também a trabalhar, e ligeira como era, ajudava com muito jeito e bom resultado a pachorrenta da mãe. Ninguém resistia ao seu sorriso, quando oferecia convidativa e meiga, um docinho de seu tabuleiro

Um viajante, que por ali pousou com grande estado, da família até dos Jardins, salvo engano, chegou a pagar uma cocadasinha, puxa-puxa com uns brincos de pedrinhas verdadeiras, amarelas muito vistosas; tudo desinteressadamente e por acha-la bonita deveras como não vira igual nem em S.Paulo, nem na Capital Federal. Também essa fama de formosura enchia o sertão todo.

– Rapariga como a Ciganinha de Santa Rita de Cassia, apregoava-se, não há duas nestas trezentas léguas à roda!... Cousa de pôr tonto o homem mais valente!... E levada da carepa, um foguete, um buscapé... cruzes!

## IV

Uma vez, com as suas facilidades, que tanto a desacreditavam, correria Gêgêca sério perigo, bem sério.

Como era natural, não tardou o José Bispo, da venda, a querer engrajar-se com ela e deseja-la com a impetuosidade do seu gênio atabalhado, despótico, irascível, metendo medo a todo o mundo e cheio de grandezas e valentias no meio.

Aquela arraia miúda

Por cima, inspetor do quarteirão, embora não se tivesse naturalizado cidadão brasileiro.

De cada vez que a *Ciganinha* lá ia comprar alguma cousa, um cobre de vinagre, meio tostão de azeite, um salaminho de arroz, contava-lhe historias, fazia-lhe mil promessas.

– Deixa-se de partes, Sr. *Portuga*, repelia-o Gêgêca; não se faça de tolo, estou com pressa...

– Mas, *Ciganinha*...

– Limpe os beiços, Sr. Pé de chumbo. Ande; que não vim cá para atura-lo..

E assim era sempre.

Ora, como tudo isso ocorria á vista de todos, apinhada a venda de ociosos, tropeiros, crianças, fadistas, não raro havia troça á custa do tal José Bispo.

– Assim, rapariga, aplaudiam Dê-lhe para baixo até mais não poder.

E se derretiam em caquinadas de chufa.

O homem bufava; procurava com esforço conter-se, mostrar frieza e desdem, mas qual!

De cada vez que a Gêgéca reaparecida na imunda tasca, afigurava-se-lhe que aquilo tudo se mudava em palácio encantado, num esplendor de cegar.

E a fadinha, cada vez mais formosa, galhofeira e petulante, a ludibria-lo sem dó nem receio algum.

## V

Repelido sempre, poe-se José Bispo, descuidando até os negócios da venda, a armar esperas à ciganinha, umas especies de tocaia, em que perdia muito tempo e consumia a paciência, reduzido a roer frenético as unhas ou antes o sabugo, conforme cacoete velho.

Persentiu Gêgéca o iminente risco e, embora um tanto descuidosa e zombadora, de continuo lhe furtava as voltas.

Uma tardinha porém, em que, cismando ora do costume, com certa melancolia, se arredara mais do que convinha, foi de repente empolgada. Ainda acordo de si, o português lhe metera a mão em cima, e mão bem pesada, adunca e violenta garra.

– Apanhei-te, pombinha de cascavel, exclamou com triunfo; vamos agora ajustar nossas contas: basta de debiques e caçoadas.

Era o lugar deserto, gritar de todo inútil Só se ouviam, no silencio dos ares, ciciar perto os flexíveis *sarandis*, cujos finos caules encurvados pela correnteza do Paranaíba, a cada instante se reguem para logo se dobrarem, produzindo brandos z Unidos de plangente harpa colia.

Sentiu na testa a nossa heroína camarinhas de álgido suor; mas, fazendo valente esforço sobre si, buscou não dar mostra do menor receio.

– Me largue, Sr. José Bispo, observou com serena gravidade; não são modos de homem sério com uma moça como eu...

O tal apelo á sua seriedade e as maneiras pausadas da Gêgéca desapontaram um tanto o vendeiro; uns simples minutos, contudo.

– Que histórias, replicou brutalmente. Vejam, só a santinha de pau oco... olhem, que artista!... Você caiu no alçapão, e não solto o passarinho que custei tanto a agarrar...

– Mas que é que o senhor quer de mim? Perguntou com calma e sobranceira, envolvendo-o num olhar de supremo desprezo.

– Que é que eu quero? ... Coisa muito simples... que seja minha... e há de se-lo, olaré!... à força, se não houver outro remédio... É de tantos... Para que se fazer de pimpona só comigo?

Intenso rubor subiu ás faces de Gêgéca; os olhos faiscaram de raiva.

– Me largue, *siô* galego, exclamou impetuosa. E com ameaça:

– Depois não se arrependa...

Sorriu-se zombeteiro o José Bispo.

– Ora, quero ver isto... há de ser gaiato... Eu me arrepender? Nunca, nunca!

E riu-se deveras, quando a ciganinha, reforçada como era, lhe imprimiu forte empuxão para libertar o braço preso. Nem se mexeu do lugar, enquanto ela reconhecia, com íntimo terror, que os dedos do português a atanazavam como guante de ferro.

– Não se faça de tola, Gêgéca, eu bem sei que você esteve agora mesmo com o Nhôr Grande da esquina... – Mentira, protestou a rapariga. – Pois se os vi passeando juntos até se sumirem debaixo das árvores...

– É verdade, passei com ele..mais nada...Nhôr Grande não é tão ordinário que abuse de seu *talento*.

(Entre parêntesis.)

Sabem os possíveis e complacentes leitores, que cousa seja talento, em todo o sertão deste nosso Brasil?

Força física, nada mais.

Continuemos agora, caso valha a pena estarem aturando esta massada, mas disso não sou juiz. Como conheci, de passagem, a tal ciganinha levada da breca e lhe admirei, há uns pares de anos, a notável beleza, tomei a peito contar as suas façanhas *capetagens*.

– Pois eu cá, replicou a brichote do José Bispo, entendo que talento para muito serve... Olhe, quero ser bom; escute um pouco...

– Solte então o meu braço...

– *Iche*, lá isso não. Você disparava que nem veado marteiro. Assunte... entregue-se por gosto a mim e de amanhã em diante a boto de portas a dentro como minha caseira... D. Cula, sua mãe, virá morar comigo... Nada lhes há de faltar...

Arfava de indignação, ódio e pavor o peito da pobrezinha

Vinha a tarde descendo depressa e, distante, à beira do rio, avisava uma *anhuma poca*, com intervalo do cantar a maneira do bater de dois pães secos que a noite não tardava. A luz que ainda havia, tênue, esbatida, descia de umas nuvens grandes, de intenso vermelho, a purpurejarem todo o lado do poente.

Deu então Gêgéca novo arranco para traz com tal ímpeto, desta vez, que o seu agressor teve que avançar dois passos. Quase de todo lhe quebrou o animo esse esforço improfícuo

– Juro-lhe, bradou ela com a respiração ofegante e imenso acento de verdade e angustia, que nenhum homem ainda me tocou no corpo. Tenha pena de mim, José Bispo. Se há virgem neste mundo, sou eu... Não me desgrace... prefiro morrer...

– Qual, não se morre por isto, zombeteou o tendeiro.

– Tão certo como Deus estar no céu, afirmou Gêgéca arrebatada e ardendo em febre, saia eu daqui suja, desgraçada e me vou logo e logo *pinchar* ao rio. Ninguém mais me há de ver.

Minha pobre mãe que se agarre com a Virgem Santíssima... não

terá mais filha.

Viu José Bispo, no fundo, não de todo mau e perverso, que essa jura lhe subia direitinha do coração – havia de executar o que prometia

Vacilou pois.

– Mas se eu a amo como um perdido? Se a quero noite e dia?

– Razão de mais para me tratar com respeito... Não sou nenhuma *fadista* para o capricho dos homens por qualquer meia pataca...

– Onde fica o mundo dos amigos e rufiões? Que querem dizer todas essas conversas, à noitinha?... Santa Rita está cheia das suas passadas tranquiernas...

– Brinco, gracejo, ouço as tolices que me dizem... deixo pregar à vontade, mas ninguém toca no púlpito..

E concordou quase com humildade...

– O senhor tem razão... Não é nada bonito o que tenho feito. Prometo emendar-me. Ficarei-lhe querendo tanto, tanto bem!... A lição foi muito séria.

Com a volubilidade de seu gênio, Gêgêca, ao dizer conceitos tão sensatos, já era outra, serenada a fisionomia e, por isso mesmo, mais formosa e sedutora. Parecia-lhe que aquele homem, cujas intenções a aterraram, de súbito se transformara em bom e leal censor.

Pouco durou a ilusão.

– Não me levo por cantigas... Você fala em morrer, quando agora é que a vida vai deveras principiar.

Recomeçava a dolorosa e indigna luta.

– Não nasci para os teus beijos, galego, porco, ladrão, tinroso!

E as palavras sibilavam, ardentes, cuspidas com náusea, o corpo derreado para traz em disposição de resistência a todo o transe, e até ao último alento, luta de morte.

Procurava José Bispo, vermelho, apoplético de furor e volúpia, enlaça-la pela cintura com o braço livre. Ia a dar-lhe o fatal cambapé.

Foi quando a ciganinha, com inopinado movimento de mergulho, agachou-se rápida. Ao erguer-se, trazia na mão direita uma grande pedra providencialmente achada aos seus pés e, sem perder um segundo, com ela bateu por modo tão brusco e contundente nos peitos de José Bispo, que este a largou, soltando um grito de surpresa e dor.

Era quanto bastava.

Fuzilou a Gêgéca pelo *cerrado* afora; mas à distancia parou e, pondo os dedos nos cantos da boca, atirou aos ares calmos amornados uns assovios tão finos, agudos e penetrantes, que a mataria já adormecida pareceu sobressaltar-se. Respondeu-lhes, à margem do Paranaíba a assustada grita dos bulhentos e metediços *quero-queros* de súbito alvoroçados.

Ao chegar à casa, toda fora de si, arquejando de susto e de cansaço, abraçou a ciganinha a mãe com angustiada veemência e, deixando-se cair de joelhos, prorrompeu em longo e nervoso pranto.

Debalde tentou D. Cula saber o motivo. Afinal, suspeitando o que não era real, triste e resignada, chorou ao lado da filha até alta noite.

Meu Deus, meu Deus, que será de nós? Exclamava a cada instante.

## VI

Da terrível aventura não disse a ciganinha palavra a ninguém

Tornou-se, porém, apreensiva, muito mais prudente e não era assim com duas razões que ia espairecer e dar um bocadinho de trela aos rapazes, lá debaixo das laranjeiras.

Preferia longos passeios sozinha, por caminho e atalhos só dela conhecidos, mas, apenas começavam, lá pelas 5 da tarde, a desfilar nos ares os bandos de pombos torquazes, buscando sempre inquietos e como que irresolutos até no voo, o pouso para a noite, também se encafuava acautelada em casa, na *capuaba* da boa mamãe.

Ficara retraída, inquieta, menos confiante nos seus meios físicos de repulsa e tentativas de desacato.

Só se mostrava mais atenta aos requebros e protestos de dois ou três era para te-los à mão, como espécie de guardas vigilantes, o que desapontava não pouco os namorados de mais fresca data, obrigados a gaguejar as suas declarações de paixão, quase à vista de uns estafermos, sorumbáticos estatelados de tanto amor e estorvadores de profissão.

Do filho do Manéca Frutuoso, o tal do olho meio varado por uma laranja verde, fizera Gêgéca gato sapato. A tudo se prestava o pobre do trangola, macilento apalermado, com tanto que lhe fosse permitido respirar perto de quem lhe comera a alma, na enérgica expressão sertaneja.

– O Malaquias da boiada chegada ontem, e o Fortunato da tropa do Chico ricaço, dizia-lhe a ciganinha, querem por força falar comigo, cousa de segredo. Quando o sol se meter na mata, venha me buscar, ouviu, Nhonhô?

– Pois não, Gêgéca, *vancê* manda...

E o Mataquias da boiada e o Fortunato da tropa ficavam, cada qual no seu turno, todo embabacados e desjeitosos, ao verem surgir ao lado da gentil aparição, ansiosamente esperada, o tipo encaniçado, muito comprido e ridículo daquele *patito* do sertão, o nosso Nhonhô Frutuoso.

– É escusado; com a Gêgêca ninguém pode, era voz corrente em todo o povoado de Santa Rita.

E tal ou qual prestígio místico a rodeava, pois acrescentaram a meia voz:

– Tem partes com o *anhanega* e o *sacisé réré*; anda de pandega com *currupiras* e *boitatás*. Não poucos podem jurá-lo aos Santos Evangelhos.

Talvez por isso, mas muito mais pelos seus olhos a luzirem como brilhantes negros, entre orlas de cabeludas pestanas, pelo seu narizinho espirituoso, um nadinha arrebitado na ponta, pelas faces penujadinhas como *pêssego do cerrado*, tão bonito no aveludado aspecto como feio no nome (chamam-no *cagaiteira*), pelo seu corpo esbelto, cheio, prometedor de mil tesouros, andava positivamente tonta, de miolo virado, toda a rapaziada daqueles centros.

Não havia quem não parasse diante da choça de D. Cula e, puxando logo conversa, deixasse de comprar sem vontade mesmo, nem olhar o preço, todas as *brevidades* e ingênuas guloseimas do interior, ali expostas à venda. Florescia então por tal modo o negócio, que as duas mulheres já podiam vestir com certa casquilhice umas saias de babados grandes de bom crivo, e traziam sobre os ombros lenços finos de seda, barreados de azul, e aos pés uns chinelinhos de couro de veado, enfeitados de debrum vermelho.

Não havia cocada, mãe benta, *manaoé* ou *pé de moleque* que parasse. Além do que comiam, levavam os tropeiros lenços cheios – um nunca acabar – e voltavam logo a pedir mais, só por causa do dedinho de gostosa prosa e contemplação.

E a cigainha a vender tudo à porta da choupana materna, com

muito bons modos, risonha, escorreita, pronta à replica e rebatendo, hábil esgrimista, os cumprimentos demasiado ardentes à sua formosura – legítima e bem instintiva loureira, na sua Santa Rita do Paranaíba, como a mais sabida e calculista americana do Norte nesse incessante duelo de faceirice e esquivanças dos brilhantes salões de Washington e Nova-York.

Nem tardou a suprema e estrondosa consagração, dada pelas trovas do João Valentim, o *sabiá goiano*, numa festa, quase cururu, que chamara à localidade muito povo de umas 30 léguas em torno.

Esse Valentim, que pachola ao violão! Quantos caídos de braços e revirados de olhos! Já meio velho, calvo, assim com uns restos de homem bonito, atirado a *suductur* de mulheres com as suas quadrinhas, que iam desfiando à medida da inspiração todo choroso e derretido!

Vadio como tudo, só queria trabalhar nas cordas da guitarra ou no machete, em que deveras pintava o sete, com umas unhas imensas, atestado da sua preguiça e que zelava como inestimável preciosidade, sempre limpas de cairel e todas lustrosas

E como sapateava ao fado, o pernóstico bailante, apesar das juntas já bastante perras! Como puxava fieira, ao convidar, em elegante derrengado de corpo, o par ainda sentado! Não queria outra dama senão a Gêgéca, que nessas ocasiões pulava ágil, airoso, provocadora, as faces rubras que nem pimenta malagueta, os olhos faiscantes com uma pontinha de lascívia, exuberante de seiva e mocidade, coisa mesmo de botar de pernas para o ar moços até da capital federal!

## VII

Nessa especie de choradinho ou *cururu* que ficou celebre, expandiu-se a homenagem à formosura da Gêgêca nas seguintes quadras, cantadas com muita denguiçe e grandes derreados, pelo João Valentim.

Repinicando o violão, nuns prelúdios todos cheios de blandicias, tomou largo hausto e plangentemente soltou a voz já um tanto estragada e rouquenha:

“No Brasil jamais se viu

Rapariga tão bonita

Como seja a Ciganinha

D’esta nossa Santa Rita.”

Correu um sussurro de aplauso e admiração, que o artista acompanhou em surdina.

Erguendo, porém, o canto, obrigou o silencio que se fez completo:

“Busquem outros prata e ouro

Nos mil sonhos d’ambição;

Que eu só quero, altivo a tudo,

Conquistar-lhe o coração.”

Gêgéca, lá do seu canto, impando embora de vaidade, deu um íxe! significativo.

Concordou logo o cantor com as dificuldades da árdua campanha e gloriosa posse:

“Mas aí é que são elas,  
Pois a mais lindas das flores,  
Escarninha, volta o rosto,  
Não enxerga as minhas dores.”

Apelando para o idílio, prosseguiu, puxando as cordas do instrumento com os dedos, muito abertos e recurvados:

“Se junto ao Paranaíba  
Gemem tristes os salgueiros,  
Perto d’ella em vão soluço  
Preso aos olhos feiticeiros.”

– Cruzes, observou a *Ciganinha* a uma mocinha clorótica que lhe ficara ao lado, dizer que os homens levam a nós pobres mulheres

com estas patacoadas e pacholices! Qual, este mundo não anda direito!

A tal reparo pareceu responder João Valentim, prometendo lúgubre desfecho ao repelido amor, de que se tornara ilustre vítima, eco aliás de muitos pacientes:

“Ó Gêgéca, meus pecados,

És um castigo da sorte;

Mas a tanto sofrimento

Eu prefiro a dura morte!”

– Não morre não, Valentim, replicou a interpelada bem alto, o que provocou até palmas no auditório, deixando bastante enfiado o guitarrista.

– Que moça *cuéra* ! exclamou um dos ouvintes. Verdadeira inspiração inflamou, porém, o cantor com aquele irônico desafio e com arroubado rapto acudiu ele, erguendo o tom:

“Ordem é do Ser Supremo

“De joelhos, natureza!

Abatei-vos. Terras, céus,

Ante a força da beleza!” (1)

Não pôde porém sustentar estro tão alto e descaiu logo em legitimo voo icário para o ridículo:

“Mas de tal consumição

Olha bem, cruel Gêgêca,

Vou ficando magro e seco,

Que nem feia perereca!”

E assim por diante, a não acabar mais, tudo muito chupado, cheio de si! E uis! Com umas pieguices de mulherengo vadio... a sua caceteação, em suma, que deixava a D. Cula toda babosa enleada com vontade de ali mesmo abrir um pranto enorme, mas que a filha acolhia incrédula, indiferente, meio a bocejar.

Quando alguma quadra lhe caía no gosto, ria-se então, botando à mostra os dentes rutilantes de alvura, sempre areados com uns talosinhos moles de aroeira do campo, nacaradas pérolas tornadas mais brancas ainda pelo contraste do vermelho apetecedor dos lábios, frescos, carnudos, feitos para beijos de enlouquecer.

Da rúbida boca, porém, partiam flechas pungentes, como do seio das rosas saem zumbindo mordicantes abelhas.

Nem sequer soube poupar o sabiá goiano, o melodioso glorificador dos seus encantos, pois sem respeito algum à necessidade da rima, logo lhe pegou ao cogote o apelido de João *Perereca*, que aderiu e dali em diante punha bravo e furioso o nosso sedutor Valentim.

E entre a paixão real e a vaidade de poeta travou-se breve luta, que terminou pela vitória do Parnaso, ofendido em sua meticulosa dignidade.

Declarou-se inimigo de Gêgêca, mas teve que desaparecer de Santa Rita de Cassia, onde muito tempo depois cantavam outros bem convictos:

“Ordem é do Ser Supremo:

De joelhos, natureza!

Abatei-vos, terras, céus,

Ante a força da beleza!”

(1) Com ligeiras alterações, ouvi todas estas quadrinhas da boca de um desses improvisadores populares.

Ou mais frequentemente ainda, tanto o ridículo sobrepuja o bom, até do Paranaíba:

“Mas de tal consumição

Olha bem, cruel Gêgêca,

Vou ficando magro e seco,

Que nem feia perereca!”

Razão talvez mais plausível levara João Valentim a depressa sair daqueles locais de inesperados desenganos. Foi pedir em casamento a terrível *Ciganinha* e levou formidável taboa tudo com grande pasmo de D. Cula, que quase desmaiou de emoção, ouvindo a despachada resposta da filha ao avelhentado e petulante

candidato:

– Olhe, Sr. João, disse-lhe a Gêgéca na bochecha, não se faz família nem se sustentam mulher e filhos com cantorias de perereca!

Era, já se vê, rapariguinha prática, bem americana.

## VIII

Desde aí verdadeira epidemia na rapaziada do povoado e adjacências. Não havia agora quem não quisesse casar com *a Ciganinha*.

A todos ia dizendo - não, não!

Para que nada faltasse ao seu triunfo, uma tarde apareceu de repente lá pela casinha de D. Cula o vendeiro José Bispo, todo desajeitado, inquieto, a suar como um burro, metido num rodaque branco bem engomado, de meias aos pés, dentro de alentados tamancos. Não tinha gravata, mas ostentava colarinhos altos e tesos, com muita goma.

Estavam as duas mulheres merendando. Comiam com os dedos mole pirãozinho de farinha de mandioca a acompanhar um sorubisinho pescado de fresco e cozido n'aqua e sal,

Ficaram ambas sobremaneira surpresas, até receosas, sem saberem o que fazer.

– Não é servido? Perguntou a velha descorando muito, ao passo que Gêgéca fazia-se escarlata.

– Obrigado, dona respondeu José Bispo com timidez, transpondo a custo o limiar da choça.

– Mas porém abanque-se, convidou a dona da casa indicando uma cadeira velha.

O homem foi, depois de algum pigarro, entrando muito quisera vir lhes falar, mas uma cousa e outra, isto aquilo, aquilo outro, negócios, etc., etc., o haviam sempre atrapalhado.

Depois...! receios de ter ofendido D. Gêgéca, mas lhe perdoasse, não fôra por querer, estava muito arrependido das suas brutalidades...

Tudo muito gaguejado, enquanto D. Cula abriu uns olhos muito grandes de coruja assombrada.

Afinal desembuchou.

A menina já era moça feita, precisava tomar estado, Ter uma posição, e ele, no caso de principiar família, vinha, nem mais nem menos, pedir a sua mão.

E contou lá suas fanfarronadas.

Possuía bastante de seu para assegurar o futuro de ambas, pois até pretendia mudar-se daquele lugarejo, que não lhe servia mais, retirando-se para a capital, onde daria maior extensão ao negócio, para *Goiás* – como dizia.

E parece, com efeito, que pronunciava mais certo do que os que dizem *Goiás*, pois o Sr. Beaurepaire Rohan, muito entendido em matéria de bugres e cousas do tupi, assim também é que fala, - *Goáyaz*. Muitas e muitas vezes, eu, Heitor Malheiros, o tenho ouvido dizer desse modo, a fé meu grau. Verdade é que o juramento está hoje abolido, e não sou formado em cousa alguma.

Continuava, porém, José Bispo. Dava aquele passo na certeza de ser atendido, embora muita gente certamente o devesse censurar. Não duvidava dos bons sentimentos da menina, cujos modos entretanto serviam de motivo a muito mexericos e falatórios. Era franco. Nutria, porém, a convicção de que tudo não passava de muita mocidade. Uma vez mulher dele José Bispo, saberia portar-se de modo a só merecer respeito e consideração dos povos todos de Santa Rita, e onde quer que fossem parar.

– *Dé certo, dé certo*, ia afirmando a lesma da D. Cula toda a babar-se de gosto com a perspectiva de semelhante enlace, uma fortuna do céu.

Conservava-se Gêgêca retraída, calada, com uns restos de pirão a secar na pontas dos dedos.

Uma vez superados os primeiros instantes de acanhamento, falou José Bispo a valer, fazendo sobretudo alarde da sua qualidade de homem sério, de boa posição e apatacado, insistindo muito nas vantagens que desse casamento advirão para elas duas.

Deixou até entrever, que, do seu lado, havia não pouco sacrifício.

A isso Gêgéca rompeu o silencio:

– Então quem o mandou vir cá? Perguntou desdenhosa e ativa.

Respondeu o vendeiro com sinceridade.

– A paixão, Gêgéca, a paixão! Tudo fiz para conter-me, mas não pude. Estive quase a fugir como um perdido, alta noite. Formei mil planos... até de crimes. Achei que afinal era melhor dar o passo que dou. Se *vancê* me disser não, mesmo assim ficarei mais sossegado. Estou disposto a tudo... contanto que não me queira mal... não me despreze, não se volte, ao ver-me, com escárnio e nojo...

E aquele homem brutal, violento, tinha os olhos suplicantes, cheios de lágrimas, vencido pela *força da beleza*, como dissera João Valentim nas suas trovas.

Estava D. Cula totalmente besta do que via e ouvia.

– Gêgéca aceita, disse afinal intrometendo-se ainda que a vacilar e com uns laivos de rubra emoção na eterna palidez das faces; sem dúvida ela aceita... Que pode mais *querer* neste mundo? É desafiar a sorte.

– Cale a boca, mamãe, exclamou impaciente Gêgéca que parecia concentrar-se em rápida e necessária meditação.

Afinal, voltando-se para José Bispo, respondeu-lhe com serenidade:

– Pelo passo que o senhor deu hoje, perdôo-lhe do fundo do meu coração tudo quanto me fez. Acabou-se o ódio, e ódio bem justo,

que eu lhe votava. Não posso, porém, atender ao seu pedido, que tanto me honra e me levanta aos meus próprios olhos.

Não é que a diabinha da rapariga falava bem? Ora, sejam justos, leitores da minha alma. De entre os 40.000 assinantes da *Gazeta de Notícias* não haverá meia dúzia mais condescendente?

– Pelo meu gênio, continuou ela, e com os seus arrebatamentos, não podíamos ser senão dois infelizes, uma vez amarrados pela lei do casamento. Falando-lhe assim, dou-lhe prova de que não sou tão desajuizada como a muitos pareço. Por outro lado, e lado muito grave, que faria o senhor da desgraçada Perpétua, com quem vive há tantos anos? Que seria dos seus quatro filhinhos, já tão abandonados?

– Mas, *menina*, buscou inquieta interromper D. Cula, para que... se meter assim na *vida...* dos outros?...

Via, com efeito, José Bispo, quase a estalar de roxo, todo apoplético, tolhido de vergonha, embasbacado.

– E o que é a pobre Perpétua, perguntou com voz vibrante a Ciganinha à mãe, toda estarecida, senão a D. Cula lá da praça?... Não lhe faltam pancadas e tundas, além do peso dos quatro pequenos... Só agora o abandono...

– Gêgêca, exclamaram com tom de ansiosa rogativa os dois, basta... basta!

E enquanto a chorona mamãe prorrompia nos mais angustiosos soluços, retirava-se José Bispo tonto, titubeante, empuxado por mil sentimentos, numa aflição bem real de pungitiva dor, em que sobrelevava intenso vexame de si mesmo, pela taboca que acabara de chupar.

## IX

Por esse tempo chegou à Santa Rita do Paranaíba, vindo de S. Paulo, pela cidade de Uberaba, o D'Anselmo de Sá.

Entre nós, quanto tem progredido a tal Uberaba, no antigo sertão da Farinha Podre! De bem poucos anos, só havia a poeira vermelha que era um inferno, contínuas trovoadas roncando grosso, uns casarões sombrios de cumeeira muito alta e aspecto sinistro, o bom capuchinho frei Germano com as suas eternas observações meteorológicas, o velho tenente-coronel da guarda nacional Sampaio, advogado provisionado e membro do Instituto Histórico, além do João Caetano, o homem mais pacato do mundo, mas que, de cada vez que abre a boca e, muito de mansinho, começa a falar, provoca por toda a parte um barulho dos seiscentos, protestos, gritos, violentos apartes, retaliações e até tiros de garrucha!

Mas hoje, sim senhor! A tal Uberaba já faz figura de grande cidade... no interior. Possui bazares quase de luxo e mais isto, aquilo, aquilo outro, coisa de encher o olho. Daqui a um nadinha, terá linha de *bonds*, confeitarias e gás de iluminação, se não for luz elétrica, à imitação e moda de Juiz de Fora que, só por isto, quer por força ser a primeira cidade de Minas Gerais e só fala das outras com desdem. Asseverou-me, pelo menos, bem próximos todos aqueles valiosos melhoramentos o Borges Sampaio, o tal membro do Instituto, quando por lá passei. Acho, contudo, que o homem, aliás com excelentes intenções, tem patriotismo demasiado uberabense e inflamável.

Voltemos, porém, à nossa historia.

Atravessa o D'Anselmo de Sá já tarde o grande rio e com muita bagagem, pois viajava como um *lord*. Viu-se, pois, levado a pousar de Cassia.

Era esse moço parente chegados dos Confucios e Socrates da família dos Craveiros, ligados por laços de afinidade com os Moraes, Abreus, Fleurys, Rodrigues, Jardins e Bulhões, gente toda de alto

coturno no meu Goiás, descendentes até do célebre conde, depois marquês de São João da Palma, antepenúltimo capitão-general e governador da Capitania (apresentar armas!) e que lá fez maravilhas nos seus 5 anos de mando absoluto e violento.

Demais, todos na minha terra, quase sem exceção, pretendem provir daquele grande papão; e isto tem alguns inconvenientes.

Querem uma prova?

Em certo dia, um versejador de ocasião, candidato a não sei que lugarzinho, foi procurar, aqui, no Rio de Janeiro, um dos filhos do marquês – esse bem averiguado. Toca a espera-lo e nada do protetor dignar-se aparecer.

Esgotada a paciência a contemplar um retrato, tamanho natural, do venerabundo e temível fidalgo, todo coberto de dourados e fitões, pregou-lhe afinal o tal pretendente embaixo da moldura com um alfinete uma quadrinha altamente crespa e pornográfica, relativamente à honra materna e ao esquecimento em que essa mãe era tida. Que desaforo!

E safou-se, deixando o mote, sem esperar pela glosa. Que desaforo! O tal marquês (cumpre-me, entretanto, dize-lo a bem da verdade histórica) deixou em todas as capitanias onde esteve e governou um mundo de filhos naturais... O excelentíssimo Sr. Capitão-general era povoador por excelência. Compreendia – e tinha razão – que o Brasil, antes de tudo, precisava e ainda precisa de gente. Ia, pois, no desenvolvimento do seu programa administrativo, aplicando com entusiasmo o *multiplicamini* de Jeovah, nem melhores serviços podia prestar à coroa de Portugal, deixando às forças da natureza fecundada o cumprimento do outro preceito, *crescitce!* E das mais obrigações, pagar impostos, ser soldado d’El-Rey, etc... etc.

Estou porém, saindo de mais da nossa estrada.

Ah! se eu tivesse ensejo, desfiava muita cousa interessante sobre Goiás, lembrando também os muitos homens notáveis que ele tem dado à pátria, pois me pesa, deveras, o menospreço com que por aí

costumam falar do meu cantinho natal.

Conhecessem, por ventura, o padre Manuel José Fogaça, que foi prior da igreja de Lourinhã, em Portugal, e bispo resignatário da Malaca? Pois bem, era filho de Goiás. Conheceram Alvaro José Xavier, comendador de Cristo e brigadeiro reformado, presidente da junta do governo provisório? E Luiz Antonio da Silva e Souza, eleito para as côrtes de Lisboa, mas onde não esteve, professor público de gramatica latina?

E o general Curado? Joaquim Xavier Curado? Quem se recorda mais dele? Grã-cruz do Cruzeiro, comandou em chefe exércitos e ganhou batalhas campais. Veio à luz do dia é que um cidadão goiano nascido tão longe, no miudinho arraial do Cônego, foi fazer o diabo e pintar a manta no Rio da Pratas, malhando sem tréguas nos castelhanos, dando-lhes bordoeira de criar bicho e trazendo-os de canto chorado, é o que custa crer. Tenham, porém, paciência; aí está a historia, que não me deixa mentir.

E tantos outros!

Uns cônegos, padres, outros professores seculares; emfim, renque de gente do mais subido valor e posição e que deixou numerosa e estimável prole.

O certo é, que, em Goiás, predomina muito o sentimento aristocrático e separação de castas. "Não sou filho das ervas", diz lá todo cheio de si um daqueles mortais e, firme nisso, ninguém o faz arredar pé.

Pois o nosso D'Anselmo de Sá era desses que não tinham sido achados debaixo de um pé de couve e de tudo tirava não pouco orgulho, olhando aos mais bem do alto da sua importância e com ares de sincero pouco caso por meio mundo.

De que lhe serviu, porém?

Foi botar os luzios na ciganinha, e záz! Ficou pelo beijo, logo, no dia da chegada, pela tardinha, tal qual um lambarizinho do Paranaíba, fígado na boca por apontado e despiedoso anzol.

Isso não no rio, mas na novena que se estava rezando na igrejinha, por sinal que o sacristão, o Quincas Malhado, já de miolo mole, fazia vezes de padre e puxava as rezas e ladainhas num latinório levado da breca e que o Padre Eterno, apesar do seu poliglotismo, custaria bem a entender.

Lá estava a nossa Gêgêca a encher a carunchosa matrizationha com as irradiações e o esplendor da sua beleza.

Também foi o doutor pregar-lhe o olho em cima e ficou tonto, abestalhado, bestificado, histórica palavra do Sr. Silveira Lobo – Aristides, o justo.

Nem me lembro bem como os franceses chamam esse repentino estado d'alma, a tal fulminação – meu professor de francês foi tão fraco! – Por isto não me arrisco; podia escrever alguma asneira.

– Mas quem é aquela moça? Perguntava o Anselmo assarapantado, sôfrego, a quantos o rodeavam.

Aqueles olhos, aqueles olhos, santo Deus! Que relâmpagos desferiam! Por isto, quando pousaram bem em cheio no doutoreco, sentiu-se este desfalecer, todo derretido de gosto, julgando-se na obrigação de sorrir aparvalhadamente, mas a suar frio, quase a tiritar!

## X

Não dormiu a noite toda o nosso impressionável Anselmo de Sá, a passear, agitado, pelo povoado imerso em carregadas sombras, nervoso, irrequieto, acordando ao latir de um ou outro cão e fumando cigarros; a esperar, pelo que?... Por enquanto, pela madrugada, que não chegava.

De nada valiam os esplendores do céu, de um azul ferrete, negro, aveludado, profundo, como certas as hyras do oriente, céu marchetado de tantas estrelas, que o Paranaíba delas colhia fantásticas fulgurações, no imenso serpear da larga corrente.

Afinal, sentiu-se o moço prostrado, com as pernas tão bambas, que caiu na cama feita sobre as canastras de viagem, e passou por uma modorrassinha, mais que sono. As 7 horas da manhã já estava, porém, de pé. Lembrou-se então de ir banhar-se nas águas puras do rio, a ver se acalmava o incêndio que sentia lavrar violento, inapagável, dentro de si e o sufocava; a mente conturbada, o peito opresso, com os músculos repuxados.

Qual! Gregorio de Mattos, sem procurarmos exemplos e aproximações em literaturas de outras terras, na tal Europa e sobretudo na França, que tanto nos avassalam, o nosso Gregorio de Mattos já dissera descrevendo idêntica e penosa disposição d'alma:

*“Tomo banhos de neve por dentro,*

*Mas o fogo não quer abrandar!”*

E eram *banhos de neve*, coisa que não existe no Brasil, tomados internamente, por cima! Como, porém, o poeta se os administrava, é o que não nos diz, nem ensina.

Fica, contudo, a receita para o apaixonados em tão melindrosas circunstâncias.

Nem de propósito, fora Anselmo mergulhar o ardente corpo no banheiro habitual da *ciganinha*, à sombra do salgueiro que tantos primores costumava entrever de soslaio... Calculem só... De certo, a árvore foi discreta, mas quem sabe? é tão singular, inexplicável, misteriosa a força catalítica, a ação de presença? Que prodígios não operam no seio da natureza esses elementos mudos, impassíveis e inalteráveis?... Qualquer que seja a causa, o pobre do rapaz saiu daquela imersão pior do que quando penetrara na água tépida, enervante, voluptuosa em suas amornadas caricias. Tinha chamas nas veias.

Vestiu-se às pressas e com o cabelo grudado ao casco da cabeça, portanto meio ridículo para um pelintrote de S. Paulo, resolveu ir bater a porta de D. Cula, orientado por um meninozinho, a quem generosamente deu 200 réis em níquel.

Sem demora lhe apareceu a visão celeste! Nem mais, nem menos, de repente, a Gêgêca, que lhe dardejou logo dois olhares de revirarem de catrâmbias para o ar, não um simples bacharelete, metido em paletot saco, de sarja verde fundo de garrafa, porém, sim, com toda a sua armadura de ferro, Roldão em pessoa, o sobrinho querido do imperador, Carlos Magno, ou algum dos Doze Pares de França.

– Que deseja, Sr. Doutor? Perguntava a rapariga sorrindo com encantadora ingenuidade, mas deveras surpresa e lisonjeada daquela visita matinal.

– Venho... venho, balbuciou o Anselmo quase estarecido de tanta beleza matutina, venho... encomendar à... senhora sua mãe... Não posso falar... com ela? Coisa... urgente...

– Está ainda dormindo, replicou a ciganinha muito despachada.

Mas, demônio, é filha daquele diabo que tanto surrara a desgraçada D. Cula, basta de atarantar mais o Sr. Bacharel! Para que esse sorriso enigmático, para que esse bater lânguido de

folhudas pestanas? Deixa, pelo menos, o moço dizer o que quer, que encomenda ora essa, tanto mais que um raio rônico de sol ao nascedouro lhe brincava nas barbas ainda incipientes, na ponta do nariz e no seu *pince-nez* de míope!

Era contudo, exato, D. Cula, com os hábitos de inveterada preguiça goiana, ou antes sertaneja, ou melhor brasileira (*fiat justitia ne pereat mundus*, diz o direito estudado, ou não estudado, pelo Dr. Anselmo de Sá) D. Cula apesar do calor, estava aquela hora encafuada na cama, o tal catre velho, de que fala o capítulo I desta história verdadeira.

– Não... não a incomode, implorou Anselmo com verdadeira angústia, como se da repulsa de sua súplica pudessem provir grandes danos. Quero... a senhora... per... perdoe... Quero para a viagem... um tabuleiro de doces.

E ficou assombrado da repentina ideia que lhe iluminara o cérebro; dominado, porém, pelo terror de que o tal tabuleiro de doces fosse coisa tão fora de alcance como o velo de ouro, ou algum pomo do jardim das Hesperíadas.

Tranquilizou-se de pronto.

– Ontem mesmo à noite fizemos um bem grande, replicou Gegéca. O senhor volte logo para ajusta-lo com mamãe.

Ia humildemente, todo sôfrego, perguntar a que horas; mas não teve tempo, *Pan!* A ciganinha lhe batera a porta na cara.

Já se viu o capricho?

Atrás dessa porta trancada, ficou ela contudo pensativa, de sobranceiras um tanto cerrada. Vamos e venhamos, aquele mancebo tão alvo, de bigodinho revirado, *pince-nez* de ouro, mãos e pés delicados, maneiras finas, traje elegante, lhe agradava deveras, não lá exageradamente, coisa extraordinária; mas, enfim, esse não era, de certo, como os outros, oh não!

– Que há de novo, *menina*? Perguntou de um canto a voz arrastada de D. Cula, entre dous bocejos.

– Um moço bem parecido que veio pedir um tabuleiro cheio de doces... para não sei que viagem.

– Louvado seja! Diga-lhe que são três mira réis pagos à vista.

– Quase 3S! objetou a filha. Peça-lhe a mamãe 5S , quando ele voltar.

– E se não *vortá*?

– Oh! Se volta!...

Com efeito voltou e, ao preço exigido de 5S, impetrou licença para oferecer 10S; favor feito a ele. Tomara informações seguras; uma viúva, vivendo honestamente do penoso trabalho com a sua filha, já moça, ambas sem proteção de ninguém – nada mais digno e comvente.

E, se não deitou discurseira, foi por sentir a cabeça que nem um ninho de guaxupés assanhados, debaixo das baterias oculares da ciganinha.

– A moça sabe ler? Atreveu-se ele a perguntar à Gêgéca num momento em que estiveram a sós.

– Mal, respondeu ela sempre a sorrir (diabo de sorriso) arranho... quando a letra é grande...

Dali a pouco, também recebia um papel com garrancho bastante graúdos: “Preciso muito falar-lhe logo à tarde, debaixo das laranjeiras. – Dr. *Anselmo*.”

Naquele esplendoroso doutor depositava o nosso homem muita confiança, toda a confiança.

Entretanto, oh desilusão! A Gêgéca, nessa tarde deixou-se

exatamente ficar bem sossegadinha em casa; a ajudar a mãe numa tachada de doce de fruta *de lobo*, que esta no dia seguinte devia impingir como marmelada ao desnordeado viajante.

E não é que o bolas do *cigano* fizera escola e para alguma coisa servira?!

Tudo nesse mundo tem sua compensação.

## XI

Deste dia em diante começou a ciganinha a pôr em pratica os mais hábeis manejos de faceira esquivança, deixando o Anselmo cada vez mais transtornado de paixão e exaltados desejos.

Já ninguém mais ignorava que o doutor, de pouso ali por alguns dias, estava positivamente a definhar de amor. A todos tomava para confidente, distribuindo dinheiro a rôdo e não se fartando de ouvir falar na Gêgéca, ora em bem, ora mais frequentemente em mal, o que o exasperava. As noticias do José Bispo então o torturavam de modo horroroso, indizível.

Fazia tenção firme de logo e logo partir, de fugir alta noite, sumirse, azular; marcava o dia certo, infalível e, afinal, chegado o momento, decidia continuar a ficar por ali a banzar.

Tudo lhe servia de pretexto, necessidade de dar forte descanso aos animais, receio de chuvas próximas, razões todas de cabo de esquadra, que os camaradas iam aceitando com a indiferença que essa gente tudo mostra, no fatalismo da existência.

– *É memo, é memo!* Concordavam e lá iam folgar no rancho a tocar viola enquanto esperavam que o Sr. Doutor quisesse um belo dia, quando menos contassem, levantar o pouso.

– Mas Gêgéca, D. Gêgéca, perguntava a medo Anselmo, em certa ocasião, a ciganinha pilhando-a de jeito, porque é que você... a senhora... foge de mim?...

– Por que o doutor deseja o meu mal, a minha desgraça! Respondeu a moça resoluta.

– Eu, Gêgéca, eu? protestou ele com verdadeira e sincera indignação, eu que a amo tanto, que a quero como nunca supus poder querer a ninguém... eu, que não durmo, não como, não tenho mais um momento de sossego a pensar na senhora... sempre em si?!

– E depois?...

– Depois o que?

– Sim, depois? Para mim a vergonha, as lágrimas, o abandono... tal e qual minha pobre mãe, e tantas coitadas por este mundo de Deus!

Arregalou Anselmo uns olhos muito grandes. Seriamente caía das nuvens, via-se rolando aos trambolhões por enormes despenhadeiros.

– Eu te juro... fiel, fiel até morrer!...

– Sim, é o que vocês homens sempre dizem; a arapuca em que todas caem... um milhoso pisado em troca da prisão eterna... valha-me Santa Rita!...

E arremedando o arroubo do rapaz repetiu com engraçado e fingido ardor e apertando o peito nas mãos:

– Eu te juro... fiel, fiel até morrer! E riu-se às gargalhadas.

Em outro tom, sem transição:

– Para nós, desgraçadas, as consequências... o luto, esse eterno riso... o peso desse gracejo... os trabalhos, nós, sobretudo, do sertão, sem ninguém que nos ampare, nos mostre o caminho direito... nenhum castigo para os homens, que têm por si a força, o abuso...

Ó ciganinha danada! Quem te ensinou tudo isso? Em que livro foste aprender toda essa desfiada de valentes argumentos, tu que só sabias kyrielas de nomes feios e se lias era mal e mal, tão somente letra graúda? Muito, muito pode o bom instinto!

– Então fujo daqui, vou me embora, desapareço... Você nunca mais ouvirá falar de mim... Hei de esquece-la, logo e logo que der as costas a Santa Rita...

– Paciência, replicou a Gêgêca, levantando os ombros, a estrada é

larga, está às suas ordens. Ninguém o agarra; olhe, eu não lhe estou dizendo de ficar...

E, com melancolia, mirando o moço bem em cheio, os olhos carregados de brandura:

– Quanto a esquecer-me, disse, é bem fácil, bem natural. Que valho eu? Uma pobre rapariga da roça... filha de mulher sem marido. Mas eu lhe afianço, Sr. Doutor, hei de sempre lembrar-me do Sr. Viva eu cem anos...

E quedou-se uns instantes a encara-lo imóvel.

Mal pode Anselmo reter um frouxo de choro.

Parecia que todas as desgraças lhe caíam em cima.

De repente:

– Então você gosta um bocadinho de mim? Indagou com ansiedade.

– Não sei, não posso dizer... nem sim, nem não... gratidão é amor?

– Mas, Gêgêca, qual será o seu destino, neste lugar tão pobre, tão sem recursos?... Tanta formosura para quem? Para que?

– Meu destino? Que interesse deve merecer-lhe? Ora... o de tantas outras... Casarei com algum tropeiro por aí... Estou vendo, estudando, esperando alguém que seja de todo mau... – Você, casada com um tropeiro, meu Deus, meu Deus!! Impossível!

– E porque não? Nem sequer valho um arrieiro?

– Oh! Gêgêca, muito mais, muito! Não leve a mal as minhas palavras; estou fora de mim, nem sei o que digo...

– Olhe, observou a *Ciganinha*, uma cousa eu juro por Deus que me está vendo, o homem que me tiver não há de se arrepender... Sinto que não nasci para mulher ordinária... menos ainda para moça de

porta aberta...

E com impeto:

– Não, isto não, antes a morte... mil vezes a morte!

Agarrando então violenta a mão de Anselmo e achegando-se a ele, perguntou irada, com os sobrolhos fechados, as feições contraídas:

– O José Bispo da venda lhe contou alguma mentira? Falou mal de mim? Responda, responda!

O moço repetiu o que era verdade.

– Não, ele se cala, todo embezerrado, quando outros cortam na pele de você... E não são poucos Gêgéca... ah, não!

– Uma súcia de *catimbáos* e mofinos! exclamou ela com altivez. Podem inventar o que fizeram, desafio-os a todos; mas o mais pintado deles não teve isto de mim!... Ixe!

E fez estalar a unha de encontro a outra.

Passou então por perto uma velha que ia buscar água ao rio com um pote à cabeça, e os dois pouco depois se separaram.

Anselmo levava, contudo, a promessa formal do tão inspirado encontro a sós, num recanto ensombrado que ela lhe indicou, a custo, incerta, descontente, apreensiva.

## XII

Já se ia a placida e cálida tarde fundindo em noite, quando no ponto aprazado, ocorreu o *rendez-vous* que devia ser decisivo, entre Gêgéca e Anselmo de Sá.

Fora este muitas horas antes, o sol ainda alto no horizonte, esperava ardendo em febre e impaciência, e supondo-se a cada momento simplesmente ludibriado pela suspirada *Ciganinha*.

Afinal apareceu ela, como que trazendo consigo ondas da luz que já ia faltando na terra, descer do céu.

– Enfim! Exclamou o moço, atirando-se arrebatadamente ao seu encontro.

Repeliu-o Gêgéca com brandura.

– Não toque no meu corpo, observou grave e resoluto, venho só para ouvi-lo, já que se mostra tão ansioso de conversar comigo. E será esta a ultima vez, desde já o aviso.

– Sim, sim, concordou Anselmo; nada mais quero.

Começou então uma dessas declarações de amor como tantas no fundo ouvira ela, desta feita, porém, numa linguagem nova, sonora, arrebatada, que dolorosamente lhe acariciava os ouvidos, a deixava enleada, com a cabeça um tanto vertiginosa.

Preso de sincera paixão, foi Anselmo por vezes eloquente naqueles surtos de elevada e platônica poesia, que é o pérfido visgo das cruéis e irremediáveis exigências físicas.

– Gêgéca, dizia ele, vejo, presinto que você deve amar-me um bocadinho, mil vezes menos do que eu, mas sempre alguma coisa, e o amor não pensa, não calcula, o amor é todo misericórdia, é um sacrifício, dá vida, não mata, não extermina!

E como fogo lhe prendia as mãos frias nas pontas.

– Por certo, balbuciava ela, você não é como os outros que me falaram e sempre me falam em paixão... mas, afinal, e apesar das minhas imprudências, sou uma rapariga honesta... tenho sabido resguardar a minha honra... que será de mim?

– Não lhe dê isto cuidado... leva-la-ei comigo...

– Sim, replicou a *Ciganinha* irônica e mais senhora de si, como cousa vergonhosa, não é, às escondidas? Não chamam por *ahimalas* essas pobres criaturas que seguem com os viajantes? Ia eu ser como elas, simples *mala*! E minha pobre mãe, que não pode mais viver sem mim?

– Ah! verberou com real desespero Anselmo, num explosão de inênuo egoísmo tão comum em quem ama deveras, você não pensa senão não valho nada; nasci para sofrer, para ser achincalhado, pisado aos pés, para sofrer como um miserável... Quem me tirou o sono, o comer, o beber, quem me causou mal tão fundo e incurável, é que lhe deve dar remédio... É de justiça, é de equidade! Isto brada aos céus...

Dúbio luar clareava então um pouco os espaços, luar, porém, tão, pálido, tão desmaiado!... Se jamais D. Cula pudesse fazer de lua, havia de passear assim, desmaiada, cloro-anêmica, pelo firmamento afora.

De todos os lados também, como que imenso desalento na gigantesca natureza, alquebradas e inertes às forças de resistência numa modorra letal.

Só a Gêgéca a lutar valente com os arroubos de Anselmo e consigo mesma.

Quis o mancebo apressar o desfecho e de súbito a tomou nos braços.

Aí, porém, surgira o instinto da revolta no peito da *Ciganinha* e tal

empurrão deu ela, que Anselmo caiu redondamente no chão a certa distância.

Ah! não era o forçado e temido José Bispo, esse bacharel; certamente não!

Rompeu ele em nervoso pranto, deixando-se ficar deitado na relva, com o rosto oculto entre as mãos. E o corpo todo estremecia com a violência dos soluços.

Invadiu então o coração da moça sentimento tão intenso de compaixão e remorso, que, sem saber bem o que fazia, foi sentar-se junto do mísero apaixonado e fez-lhe pousar a cabeça sobre um dos joelhos.

E ficaram os dois imóveis, ele a chorar em silêncio, ela a acariciar-lhe os cabelos com muita meiguice, ambos num enlevo de indizível doçura.

Ah! *Ciganinha, Ciganinha*, que perigo!

Que te podia salvar em momento tão extremo, quando tu mesma, a escorregar por misterioso e irresistível declive, te entregavas ao entontecedor esmorecimento de toda a tua energia, da tua vontade, tão imperiosa, instantes antes, quão vencida agora e conculcada? Pois, senhores, não lhes conto nada; ouçam, porém, o que sucedeu.

Já quatro ardente lábios bem próximos se iam abotoar, naquela sugestiva solidão, no mais sequioso beijo, quando, com bastante estrepito, um animalzinho correu ali perto, algum guaxinim ou jaguatirica, e foi quanto bastou para que Gêgêca voltasse a si e de um pulo se pusesse de pé.

Quem sabe se não lhe valera a velinha de cera, que, dias antes, for a levar e acender, na igreja com toda a devoção, aos pés da sua protetora, a Senhora D. Rita de Cassia, santa de muitos milagres e bondades?

Em todo o caso, estava desfeito o terrível feitiço. Aclararam-se as

posições.

– Adeus, disse a *Ciganinha*. Siga o seu caminho, Anselmo, parta quanto antes, amanhã se for possível . É de fundo d'alma que lhe desejo todas as felicidades! Esqueça até que existo neste mundo.

Estava o moço positivamente apavorado.

– Não, não, dizia ele agarrando-lhe nas mãos e de joelhos, mil vezes, não!

E, no auge do desespero, exclamava.

– Que fazer, santo Deus, que fazer? Você quer a minha morte, quer com certeza!...

Calava-se Gêgéca, como que a meditar.

Afinal:

– Levante-se, ordenou, e ouça-me com algum propósito e sossego. Pergunta-me que fazer, não é? Pois lhe respondo: coisa muito simples, muito natural: case-se comigo.

Em qualquer outra circunstância simples gargalhada teria acolhido semelhante alvitre; mas Anselmo estava tão atarantado e abatido que se contentou com abrir uns olhos muito espantados.

– Eu... eu? balbuciou, casar... com você?

– Por que não?

E vendo mil dúvidas nos olhos desvairados do moço:

– Há de, acrescentou com altivez, achar-me digna de si... Não tenha susto...

– Mas... meus pais, você nem imagina, tão cheios de si... bons, de certo; pacíficos, mas orgulhosos da sua família, do seu nome...

– E eu, xaqueou ela irônica mas já aí jovial, valho pouco? Minha mãe, sim, é uma pobre coitada, mas quem lhe diz que meu pai não era algum rei ou príncipe entre os ciganos?... Aquela gente é toda de grandes segredos... Sinto Ter jogado no Paranaíba uns papéis de família...

– Gêgéca, implorou Anselmo, deixe de debicar-me... Responda, que dirão meus pais... vendo-me casar consigo...

– E levarei a mamãe, aditou logo a *Ciganinha*... Não me separo dela por nada deste mundo...

– Então?

– Ora, então? Hei de enfeitiçar seu pai, sua mãe, toda a sua gente; fica por minha conta. Olhe, Anselmo, nunca lhe meterei vergonha... Você me ensinará muita cousa que não sei, e Santa Rita me ajudará.

– Casar, casar, repetia assombrado o outro. E os papéis?

– Não lhe dê cuidado. Mando um próprio chamar o meu padrinho vigário e tudo se arranja num momento. Bem, concluiu! Se você me procurar mais, há de ser para levar-me à igreja. Do contrario não lhe quero mais para mim. Adeus!

E, correndo para a casa, passou Gêgéca a noite em claro, sem um momento de sossego, resolvida porém de pedra e cal, como se diz, a não dar o braço a torcer.

## XIII

Mil projetos fez Anselmo, do seu lado. Chegou até a arrancar-se daquele pouso fatal, mas, dois dias depois, voltava à Santa Rita, aniquilado, desfeito, devorado de mortais saudades, em estado positivamente lastimável – um brinquedo da mais infrene paixão.

Pensou até em matar-se, atirar-se ao Paranaíba, acabar de vez com aquela situação infernal, em que não via saída possível, o menor postigo entreaberto, que lhe permitisse olhar mais desassombrado para o futuro.

Que luta ingente!

Afinal, numa bela manhã em que a natureza seria inebriante, feliz, bondosa, a aconselhar a todos os seres alegria, expansão e gozo, tomou a suprema resolução e, batendo à porta da miserável choça das duas mulheres, pediu solenemente à D. Cula a mão da sua filha, a *Ciganinha*!

Como foi acolhido!

A recompensa foi também deslumbramentos sem par, além de um beijo, no fim da visita, bem em cheio nos lábios, capaz de deixar tonto de orgulho o czar de todas as Russias.

Para que contar mais o que se seguiu? Como tentar descrever o pasmo de toda a povoação? E, no dia do casamento, o resplendor de Gêgéca, no seu vestidinho branco de cassa fina, todo enfeitado com muitas flores naturais de laranjeira? Sabem os leitores se tinha ou não direito de carrega-las.

E o dia da partida? Ela a cavalo, D. Cula em solene *banguê*, toda lavada em lágrimas, e o Nhônô Fructuoso como capataz da tropa?

Ainda hoje se fala de tudo isso de Cassia.

Quando desfilava o préstito, não pode José Bispo, correspondendo

enfarruscado ao cumprimento dos que seguiam viagem, deixar de exclamar:

– Lá se vão as alegrias de Santa Rita!

E, para esparecer a tristeza, deu, nesse dia, formidável surra à pobre da Perpetua.

Entrou por uma porta e saiu pela outra, e acabou-se a historia.

Ficaram contentes? Não?

Pois então peço ao Afonsinho, ao Celso, que lhes conte outra. Ninguém como ele para saber mil coisas do sertão; e as narra com muita singeleza e graça, num estilo meigo, atraente, cristalino, assim à maneira de límpido regato a sussurrar entre margens floridas, magicas, encantadoras.